

GANCHOS, TACHOS E BISCATES: JOVENS, TRABALHO E FUTURO

“Tanta gente sem trabalho, não tem pão nem tem sardinha, e nem tem onde morar ... e assim se faz Portugal uns vão bem e outros mal”. Esta canção, do cantor e compositor português, Fausto, composta nos idos da década de 1970, fala de um fenômeno que chega ao século XXI preocupando intelectuais em diferentes partes do mundo: desemprego, precariedade do emprego, falta de oportunidades para os jovens. Atento a esta realidade que suscita importantes questões sociais, o sociólogo José Machado Pais presenteia os seus leitores com um livro fascinante, que analisa como os jovens da cidade de Lisboa, Portugal, se posicionam frente à precariedade do emprego neste País, e que estratégias utilizam para se inserirem em seu mercado de trabalho.

Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro, vencedor do Prêmio Gulbenkian de Ciência de 2003, que se encontra em sua segunda edição, é uma obra que tem o mérito de investigar o tema do desemprego em Portugal, utilizando refinados métodos interpretativos para o relato de alguns jovens acerca desta questão. Estes buscam no dia-a-dia estratégias de ganhar dinheiro que abalam os modos tradicionais de inserção no mercado de trabalho.

O ponto de partida do autor é a percepção de que o sentido de trabalho, tradicionalmente entendido por meio da profissionalização dos jovens e iniciação no próprio mercado, está sendo redefinido. A “luta pela vida”, decorrente da vivência precária do emprego e do trabalho os leva a buscar trabalhos domésticos, eventuais, temporários, parciais, ilegais ou “pluri-empregos”, isto é, ganchos, que se referem a atividades ilícitas e tachos que derivam da expressão “ganhar para o tacho”, ou seja, “ganhar para comer” e biscates que significam atividades profissionais de

De: JOSÉ MACHADO PAIS

Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro. Lisboa: AMBAR, 2005

Por: ROSELANE GOMES BEZERRA

Doutoranda, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC

caráter precário ou secundário. Daí a inspiração para o título da obra de Machado Pais.

O autor faz uma crítica às políticas de juventude por criarem uma lógica de linearidade que nem sempre se ajusta às trajetórias não-lineares do

curso de vida de muitos jovens. Para Machado Pais, os jovens vivem um “dilema de labirinto” ao se depararem com os caminhos que poderão tomar nestes momentos de transições de suas vidas.

Frente a este contexto, o autor apresenta a seguinte questão: “como pode a sociologia da juventude dar conta destas novas realidades, senão a partir da crítica do conceito de transição linear, circunscrita a uma sucessão progressiva de etapas identificáveis e previsíveis em direção à fase adulta?” A sua crítica às sociologias “linearistas” se apóia no fato de que os jovens “movem-se no labirinto da vida” ao acaso ou ao destino ou ainda utilizando-se de formas estratégicas, mas, modificando-as, de acordo com os imprevistos da vida.

Partindo deste ponto de vista, o objetivo da obra centra-se nas contingências de vida de alguns jovens que vivem na cidade de Lisboa. Ciente das múltiplas leituras possíveis para análise deste fenômeno e acreditando que o papel da sociologia não é criar certezas, mas suscitar reflexões, o autor apresenta aos seus leitores “mundos de vida” de certos jovens. Ao escolher este caminho para abordar o tema, Machado Pais expõe, por meio de relatos de vida de jovens, um “mundo” de modos, opiniões, vivências de quem experimenta, na transição para a vida adulta, situações de precariedade, em termos de trabalho. Seguindo este percurso, o autor traça uma trajetória de informações e interpretações. E, assim como cada um dos seus interlocutores, que, no conjunto, percorrem trajetos distintos, o autor vai

aplicando diferentes modelos de análises e interpretações para seus relatos.

O livro é dividido em duas partes. Na primeira parte, intitulada *Encruzilhadas*, Machado Pais apresenta quatro capítulos que se complementam a partir de informações estatísticas, teóricas e metodológicas. Ao falar do trabalho precário, o autor defende que os jovens estão vivendo uma redefinição da iniciação no mundo do trabalho. A tradicional linearidade profissional está sendo substituída pela inserção em um mercado de trabalho flexível. Entre ter um emprego e estar desempregado, há um leque de modos de ganhar a vida, ou *desenrascar-se*, para usar uma expressão do autor, aos quais os jovens quotidianamente se referem como *ganchos*, *tachos* e *biscates*.

Criticando a literatura sociológica que analisa a situação de desemprego por meio da negatividade como, fatalismo ou inércia, o autor acredita que na luta pela sobrevivência, formas diversas de ganhar dinheiro são inventadas, e que, mesmo nos modos ilegais, como na prostituição ou trapaça, persiste a noção de um eficiente desempenho profissional. Neste sentido, utilizando-se de metáforas, o autor abre um sub capítulo (1.1. Encontrar trabalho: uma lotaria), para comparar a busca pelo trabalho a um jogo.

A estratégia para arranjar trabalho é como um lance num jogo de cartas. Ela depende da qualidade do jogo que se tem em mão (títulos escolares, valor nominal dos mesmos), da maneira de jogar (rede de conhecimento, “cunhas”...) e, finalmente, da astúcia do jogador (*feeling*).

Ele acrescenta que alguns jovens inventam novas regras no jogo da vida. É o caso de jovens delinquentes que têm uma vida que é ganha no dia-a-dia: “para estes jovens, um novo dia representa uma nova partida, um novo jogo”. O autor reflete também sobre o fenômeno dos jovens que não aparecem nas estatísticas dos desempregados, pelo fato de estarem exercendo trabalhos temporários. Esse fenômeno é classificado como *desemprego oculto*. Ele acrescenta que a flexibilização do trabalho vem modificando os limites entre trabalho e não-trabalho.

Machado Pais fala, ainda, sobre a relação entre falta de formação profissional e desemprego. Para ele, a formação profissional é importante para inserção no mercado de trabalho; contudo, acredita, também, que ao “decretar-se a profecia” – falta formação profissional aos jovens –, o problema do desemprego juvenil não se solucionará. Outra “profecia” questionada pelo autor é a de que “a escola não prepara adequadamente os jovens para o mercado de trabalho”.

Em seguida, é desenvolvida uma analogia entre a vida juvenil e um labirinto e também as trajetórias ou percursos da vida com um ioiô. Valendo-se destas metáforas, o autor percebe os jovens perdidos entre a realidade e a utopia, entre as dificuldades do dia-a-dia e os sonhos. Os jovens, como se percorressem um labirinto, acham-se depois de se perderem. E assim, sem encontrar saídas no mercado de trabalho, alguns buscam uma integração profissional nas margens da economia formal.

É porque vivem em estruturas sociais crescentemente labirínticas que os jovens contemporâneos se envolvem em trajetórias ioiô. (...) Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas e modeladas em função dos indivíduos e seus desejos, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém.

A proximidade com os fragmentos de histórias de vida dos jovens entrevistados inicia-se no capítulo 3, intitulado “Por uma sociologia da pós-linearidade”.

Machado Pais entende que o estudo das trajetórias de vida deve superar o método linear de análise. Para o autor, a vida é feita de descontinuidades, de “saltos”; assim, segundo ele, os jovens “passam de um para outro âmbito de realidade finita, ritualizando identidades distintas”. É o caso de jovens assaltantes ou prostitutas que transitam entre o mundo legal e o mundo ilegal, por meio de diferentes “máscaras”. Nas palavras do autor: “interpretar um relato de vida não é dar-lhe um sentido de linearidade mais ou menos fundamentado, mas apreciar a pluralidade de que a vida é feita” (Machado Pais, 2004: 85).

Na realização desta investigação, foram feitas 14 entrevistas, quantidade considerada satisfatória em uma pesquisa qualitativa, pois como ele afirma: “um caso não pode representar o mundo, embora possa representar um mundo no qual muitos casos semelhantes acabam por se reflectir” (Machado Pais, 2004: 89). A questão central posta aos jovens foi, segundo o autor, falar das suas trajetórias de vida, com relevo especial para as trajetórias profissionais.

Machado Pais defende o uso do método biográfico, respeitando a subjetividade dos entrevistados, as suas lógicas narrativas. Importante também foi o ambiente de confiança construído entre o autor e os jovens entrevistados, principalmente daqueles que se encontravam presos, os arrumadores de carro tóxico-dependentes e as prostitutas. Ele finaliza a primeira parte do livro afirmando que:

Embora cada história narrada se diferencie das demais, na conclusão alinha-se inferências que, de certo modo, são generalizações dos casos tomados, conjuntamente, na sua singularidade. Aliás, a comparação dessas singularidades de vida aponta para um padrão marcado pela vivência comum de situações de precariedade de emprego, embora vividas de maneira muito diferente nos labirintos de vida.

A segunda parte do livro intitulada, “Fazer pela vida: percursos e discursos”, é dedicada aos relatos dos jovens. Aqui, o autor dialoga com eles, construindo, assim, a sua análise interpretativa. Nesta parte, se descortinam para o leitor os “mundos de vida” de jovens que estão a se perder e se achar nos labirintos da suas existências.

Por meio de uma leitura prazerosa, que nos informa e ensina ficamos conhecendo Lúcio, jovem de 24 anos que trabalha como entregador de pizzas (1. Distribuindo pizzas: vida estafada, a de estafeta). O método de análise de conteúdo utilizado neste capítulo é a captação de “homologias conceituais” nas quais são identificadas “expressões conceituais” relevantes do relato de vida. Este modelo de análise é baseado nos estudos de Capitolina Martinez (1996).

No capítulo seguinte (2. Um modo de vida original: Nino para aqui, Nino para ali), encontramos uma estudante universitária de 28 anos que,

desde os 17, tem sua trajetória profissional marcada por trabalhos precários. Para análise de seus relatos, Machado Pais apresenta uma extensa lista de orações conceptuais, abrangidas pela categoria genérica de “trabalho” [das quais derivam várias subcategorias] que proporciona muitas subcategorias relacionadas a essa categoria genérica. Em seguida, conhecemos Zé Manel (3. Até ficar de “baixa”) jovem de 23 anos de idade, que também começou a trabalhar aos 17 e se sente angustiado devido à falta de perspectivas. O modelo de análise adotado, neste capítulo, é a interpretação do autor, seguida da transcrição dos relatos.

Logo após, nos deparamos com Festo, um jovem angolano que tentou a sorte migrando para Portugal (4. Vida de disc jockey: das obras à discoteca). Para exame de sua trajetória de vida, o autor utiliza o modelo de análise estrutural proposto por Barthes (1981). Este modelo de análise estrutural procura articular episódios de uma história (suas seqüências) com uma estrutura de personagens (atuantes), na tentativa de descobrir a lógica do discurso efetuada a um destinatário (os argumentos).

Conhecemos também os “mundos de vida” de Rui e Francisco (5. Mendigando carrinhos de supermercado), dois jovens toxicodependentes que “ganham” a vida pedindo as moedas que são introduzidas nos carrinhos dos supermercados de Lisboa. Seus relatos, assim como seus silêncios, são apresentados e interpretados por meio de reflexões que abordam a tóxico-dependência, a precariedade do emprego e as metodologias de pesquisas:

Com Francisco aprendi que podemos fazer entrevistas sociológicas, entrevendo o muito que o silêncio diz e o olhar comunica. O olhar que Francisco parece retardar-me a sensação de estar vivo. Mas, de vez em quando, olha obliquamente e, de golpe, não se sabe bem o quê: um carrinho de supermercado atestado de compras cuja moeda perdeu por culpa da entrevista? Alguém de quem está à espera? Puro gesto de enfado?

Machado Pais também apresenta a trajetória de Teodoro (6. Um tacho na política?), um jovem universitário de 22 anos. Filho de uma família de

classe média, ele tem como sonho seguir a carreira política. Para análise de seus relatos, o autor optou por seguir o modelo de “associações de idéias”, a partir da obra de Mary Spink (2000). A partir do tópico “Política”, o autor apresenta um quadro com as associações, explicações e qualificadores.

Para a análise do relato de duas jovens universitárias que se oferecem nos jornais para convívio íntimo, ou seja, fazer programas (7. Jovens acompanhantes: “puta de vida que me fez puta”), Machado Pais optou por examinar seus discursos e, também, seus diários nos quais, a pedido do autor, eram anotadas atividades do cotidiano e as “coisas boas” e “más” do dia-a-dia. Perante a agitação de consciência de suas entrevistadas, como é notado neste relato - “chego a casa tomo o meu duche, ponho os meus cremes, ponho-me a olhar pra mim ao espelho e digo, já saíste do inferno, da vida que não é tua” -, foi utilizada uma interpretação em termos de um conflito de modelos culturais, a partir da proposta de “análise estrutural de conteúdos” de Hiernaux.

No último capítulo (9. Ganchos ilícitos), Machado Pais analisa os itinerários de vida de M7, Rotter e Blatte, jovens envolvidos em ganchos ilícitos que se encontram reclusos no Estabelecimento Prisional de Lisboa. A questão principal era conhecer suas trajetórias até a prisão e desvendar os fatores sociais que os teriam levado à delinquência. O autor deixa claro que os seus relatos de vida têm mais a forma de memória relatada do que dos conteúdos de vida. Pois, estes jovens evocam o passado a partir do presente, e “não é de um presente qualquer: trata-se de um presente que paga as culpas do passado”.

Na conclusão, encontramos uma análise geral dos relatos de vida dos 14 jovens, abordando suas realidades, perspectivas de futuro e incertezas. Percebemos que as diferentes trajetórias se assemelham nos dilemas do presente e ausência de expectativas do futuro. Alguns fantasiam o futuro, outros o deixam em aberto; há ainda os que banalizam e os que o definem como ausente, ou seja, nos labirintos da vida eles podem se perder, mas também se achar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *L'Analyse Structurale du Récit*. Paris: Seuil, 1981.
- MACHADO PAIS, José. *Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro*. 2ª edição. Lisboa: AMBAR, 2005.
- MARTINEZ, Captolina Díaz, *El presente de su Futuro. Modelos de Atopercepción y de Vida entre Adolescentes Españoles*. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 1996.
- SPINK, Mary Jane (org.). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano. Aproximações Teóricas e Metodológicas*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- HERNAUX, J. P. *L'Institution Culturelle. Méthode de Description Structurale*. Paris: PUF, 1977.